https://dx.doi.org/10.35499/tl.v19i1.23299

"MEU CHIADO, MINHAS REGRAS": RELAÇÕES DE IDENTIDADE E LÍNGUA NO ARAGUAIA PARAENSE

MANOELLA GONÇALVES BAZZO (IFTO)*
https://orcid.org/0000-0002-5746-5306

ROGÉRIO VICENTE FERREIRA (UFMT)**
https://orcid.org/0000-0002-4308-6735

RESUMO

No Brasil, muitas comunidades linguísticas podem ser caracterizadas pela variação existente em torno do arquifonema /S/, com algumas palatalizando mais, como Rio de Janeiro-RJ, Florianópolis-SC e Belém-PA, e outras menos, como São Paulo-SP, Palmas-TO e Goiânia-GO. No Pará, o "chiado", relacionado à realização das variantes alveopalatais [ʃ, ʒ], caracteriza uma realidade sociolinguística reconhecida no "sotaque paraense". Contudo, essa é uma realidade carregada de estereótipos e que não contempla a extensão territorial e a diversidade linguística deste estado. Neste artigo, abordamos a realidade sociolinguística em torno do /S/ em coda medial em cinco municípios da região Araguaia Paraense, a partir de uma análise qualitativa envolvendo a realização das variantes alveolares [s, z] e alveopalatais [ʃ, ʒ], com a avaliação linguística e construção de identidades paraenses. Nossos resultados apontam para uma diversidade sociolinguística diversa, em que as pessoas do sul paraense pouco se identificam com as do norte paraense, tanto em aspectos culturais quanto linguísticos.

Palavras-chave: Fricativa alveopalatal; Sociolinguística; Identidade; Variação; Paraense.

ABSTRACT

"MY CHIADO, MY RULES": IDENTITY AND LANGUAGE RELATIONS IN ARAGUAIA PARAENSE

In Brazil, many linguistic communities can be characterized by the variation observed in the realization of the archiphoneme /S/. Some regions exhibit greater palatalization, such as Rio de Janeiro (RJ), Florianópolis (SC), and Belém (PA), while others show less, such as São Paulo (SP), Palmas (TO), and Goiânia (GO). In Pará, the *chiado*, associated with the alveopalatal variants

* Doutora em Estudos de Linguagem, pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Servidora técnico-administrativa no Instituto Federal do Tocantins (IFTO). E-mail: manugbazzo@gmail.com.

** Doutor em Linguística, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor titular na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: rogerio.ferreira@ufmt.br.

[ʃ, ʒ], is a defining feature of the recognized *sotaque paraense* (Pará accent). However, this perception is laden with stereotypes and does not fully account for the state's vast territorial extension and linguistic diversity. In this article, we examine the sociolinguistic reality surrounding /S/ in medial coda position in five municipalities of the Araguaia Paraense region. Through a qualitative analysis of the realization of alveolar [s, z] and alveopalatal [ʃ, ʒ] variants, we explore linguistic evaluation and the construction of *paraense* identities. Our results indicate a diverse sociolinguistic landscape, where people from southern Pará tend to feel little identification with those from the northern part of the state, both culturally and linguistically.
Keywords: Alveopalatal Fricative; Sociolinguistics; Identity; Variation; Paraense.

INTRODUÇÃO

Este artigo, de cunho sociolinguístico, trata sobre a realização do arquifonema /S/ em coda medial ou interna (Ex.: pasta ['pastɐ] ou ['paʃtɐ]; pesca ['p☜skɐ] ou ['p☜ʃkɐ]), na região sul do Pará, também conhecida como Araguaia Paraense, a partir de um enfoque qualitativo.

A variação desse fonema tem sido amplamente estudada no contexto brasileiro, sendo um importante marcador ou estereótipo sociolinguístico (Callou, 2009; Mota; Jesus; Evangelista, 2010). Sua realização fonética pode ocorrer das seguintes formas: [s] fricativa alveolar não vozeada; [z] fricativa alveolar vozeada; [ʃ] fricativa alveopalatal não vozeada; [ʒ] fricativa alveopalatal vozeada.

No Pará, essa variável adquire o *status* de estereótipo sociolinguístico, especialmente por sua associação ao chamado "sotaque" paraense, caracterizado pelo "chiado". Nesse contexto, a fricativa alveopalatal [ʃ, ʒ] é predominante, tanto em posição de coda interna quanto externa (Ex.: texto ['teʃtʊ], rasgar [hɐʒ'ga] e paz ['paIʃ]). Essa realidade também é observada em outras comunidades linguísticas, como no Rio de Janeiro-RJ (Callou, 2009) e em Florianópolis-SC (Bassi, 2011; Brescancini, 2015).

Ocorre que o Pará, segundo maior estado da federação, ocupando uma área de 1.245.870,704 km^2, o que corresponde a 14,65% do território nacional, ainda possui uma centralização muito forte em pesquisas de natureza sociolinguística especialmente vinculada a questões relacionadas à dimensão territorial e histórica (Soares, 2020). No entanto, a criação da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), por meio da Lei nº 12.824, de 5 de junho de 2013, representou um marco na descentralização da produção acadêmica no estado. Com a expansão do ensino superior na região, espera-se um aumento na produção de pesquisas sobre diferentes realidades do Pará, contribuindo para a visibilidade científica e para a superação de estereótipos e preconceitos.

Nesse sentido, este artigo aponta para esse reconhecimento, envolvendo a realidade de uma região que se caracteriza pela diversidade cultural, econômica e histórica, que despontam em meados da década de 1960, favorecida pelos ciclos econômicos e demográficos, que envolvem a disputa pela posse da terra e a convivência entre povos originários, quilombolas, ribeirinhos, assentados, pequenos e grandes produtores rurais, grandes obras de infraestrutura voltadas às *com-*

modities agrícolas e minerais (Castro, 2017; Silva, 2022). Esse cenário contrasta significativamente com o do norte paraense, cuja ocupação remonta ao século XVII e que concentra o centro econômico e cultural do estado.

A região do Araguaia Paraense destaca-se pela diversidade cultural e linguística, resultado da presença de migrantes de diversas partes do país. Esse contexto favorece a realização de estudos sociolinguísticos que considerem a influência do contato entre diferentes variedades linguísticas.

O histórico da região, com a diversidade de migrantes que chegaram à localidade, em que o encontro desses diferentes grupos de pessoas (suas culturas, línguas e falares) é característica fundamental desse processo, tem potencial para subsidiar consideráveis pesquisas sociolinguísticas nos diferentes aspectos relacionados à variação linguística, como verificado nos trabalhos de Guedes (2012) e Razky, Gomes e Guedes (2017), no campo lexical; e os de Bazzo (2012; 2020) desenvolvidos no campo fonético-fonológico.

Ademais, os estudos de natureza sociolinguística estão fundamentados, principalmente, no aspecto quantitativo de análise, em que a relação dos traços linguísticos com os sociais (sexo/gênero, idade, escolaridade entre outros) subsidia a compreensão da variação sociolinguística e a sua comparação a partir da elaboração de banco de dados.

No entanto, a mera quantificação dos dados não é suficiente para captar a complexidade dos significados sociais atribuídos às variantes linguísticas e aos processos discursivos que permeiam seu uso. Nesse sentido, a abordagem qualitativa possibilita a interpretação detalhada das práticas linguísticas em contextos específicos, fornecendo *insights* sobre os fatores subjetivos que orientam as escolhas dos falantes. Em particular, em contextos de alta mobilidade social e contato linguístico, como a região do Araguaia Paraense, a análise qualitativa permite explorar como os falantes percebem e negociam a variação linguística em suas interações cotidianas.

Assim, este estudo apresenta os resultados de uma perspectiva qualitativa sobre a variação do arquifonema /S/ no Araguaia Paraense. Ao considerar aspectos discursivos e perceptuais, buscamos interpretar os significados sociais associados à variação linguística, contribuindo para um entendimento mais profundo da dinâmica sociolinguística na região.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os estudos sociolinguísticos tiveram sua difusão a partir de 1964, com o congresso organizado por William Bright na Universidade da Califórnia, em Los Angeles (UCLA). Entre os vários estudiosos da relação língua e sociedade, William Labov se destacou ao introduzir um método quantitativo que demonstrava empiricamente a influência de fatores sociais, como classe, idade e gênero, na variação linguística. Sua abordagem deu origem à Sociolinguística Variacionista, que busca identificar padrões sistemáticos de variação e formular regras variáveis para explicá-los (Cezario; Votre, 2009).

A regra é variável porque não é categórica, ou seja, não se aplica sempre (Cezario; Votre, 2009, p. 150). Como exemplo, no português, a concordância de gênero é realizada pelo acréscimo de um morfema de gênero que se altera em masculino e feminino: o menino; a menina. Essa é uma regra categórica obrigatória. Contudo, a realização do arquifonema /R/ no contexto pós-vocálico é uma regra variável, visto que esse fonema pode ser realizado de diferentes formas no português brasileiro (PB) sem alteração de

significado, como, por exemplo, como uma variante glotal [h], um tepe [ɾ], um retroflexo [ɻ]: barco ['bahkw], ['baɾkw], ['baɻkw], respectivamente.

Além de descrever essas variações, a sociolinguística investiga os significados sociais atribuídos às variantes, revelando dinâmicas de prestígio e estigmatização (Alkmin, 2001). A variedade mais prestigiada é denominada como variedade padrão, "a variedade linguística socialmente mais valorizada, de reconhecido prestígio dentro de uma comunidade" (Alkmin, 2001, p. 40). Em geral, essa variante liga-se ao padrão normativo linguístico, o qual é relacionado a grupos mais escolarizados e de maior poder econômico dentro de uma comunidade. Ela geralmente está relacionada ao contexto mais urbano de certa localidade.

Em contraste a essa variante padrão, algumas variantes ganham *status* de não padrão, e podem ser consideradas "inferiores", "feias", "erradas", geralmente, estão relacionadas a indivíduos menos escolarizados, de renda econômica baixa e de localidades mais rurais. A partir disso, compreendemos que "o que chamamos de variedade padrão é o resultado de uma atitude social ante a língua" (Alkmin, 2001, p. 40), e, com isso, passamos a julgar o falante e sua inserção na estrutura social.

Essa avaliação social acerca da variável linguística é aprofundada por Labov (2008), que define três níveis de consciência acerca desse fato: os indicadores, os marcadores e os estereótipos sociolinguísticos. Para o autor, uma variável sociolinguística pode ser avaliada como indicador quando apresenta uma distribuição regular pelos grupos socioeconômicos, étnicos e etários, ocorrendo de forma inconsciente. Um exemplo desse tipo é o emprego de "a gente" e "nós" como marcadores de plural no PB, como abordado no trabalho de Silva e Sanches (2023), na cidade de Macapá-AP. O uso de uma ou outra variante ocorre no nível inconsciente sem muita avaliação social sobre a variação do emprego de cada uma.

Em outro nível de consciência estão os marcadores, que "[...] não somente exibem distribuição social, mas também diferenciação estilística" (Labov, 2008, p. 276), ou seja, a mesma variável é usada para indicar aspectos de estratificação social e de estilo. Vários fenômenos linguísticos se encaixam como marcadores na realidade brasileira, destacamos a conservação ou apagamento de /d/ no gerúndio /ndo/, como em comendo > comen'o, dormindo > dormin'o, em determinadas comunidades linguísticas. Em pesquisa realizada em Aracaju-SE, Freitag, Cardoso e Pinheiro (2018) abordaram esse marcador, o qual, naquela comunidade, a conservação do fenômeno encontra-se favorecido pelo maior grau de escolarização, falantes do sexo/gênero feminino e a contextos de maior monitoramento.

Por último, quando "[...] um pequeno número de marcadores sociolinguísticos ascendem à consciência social explícita" (Labov, 2008, p. 287), uma variável pode ser considerada um estereótipo sociolinguístico. Alguns podem ganhar *status* de variedade não padrão, marcando de forma negativa a variante em questão, ou podem referenciar certos sujeitos a certas comunidades, indicando pertencimento e ganhando uma valoração mais positiva. No contexto de algumas comunidades brasileiras, a variante alveopalatal de /S/ em coda medial é considerada a padrão, como em algumas capitais nortistas: Macapá-AP e Belém-PA (Jesus; Mota, 2009), bem como caracteriza o "sotaque" carioca (Callou, 2009).

É importante observar que o estudo de qualquer fenômeno linguístico só pode ocor-

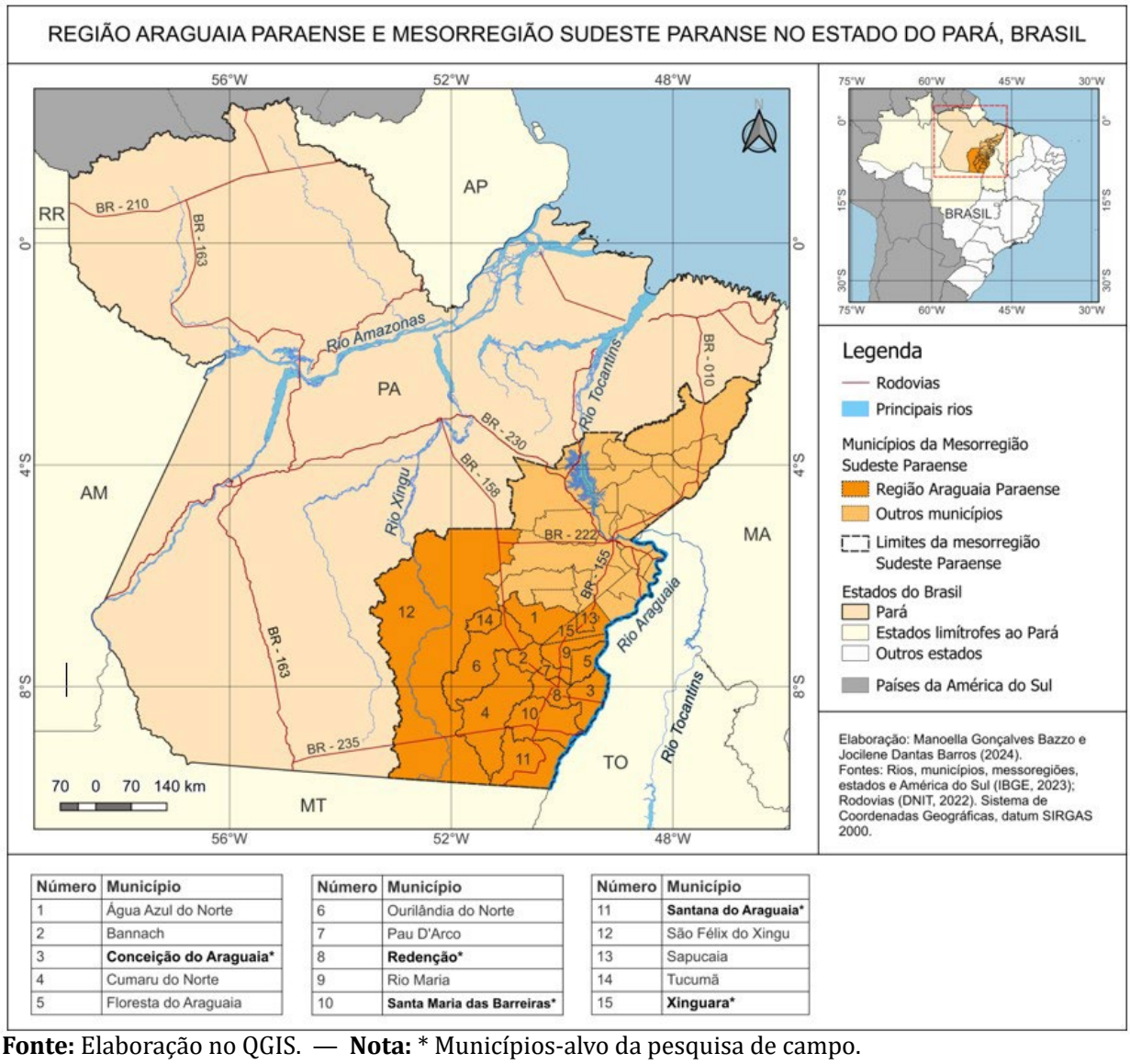
rer dentro do que Labov (2008, p. 188, grifo nosso) denominou de comunidade de fala, ou seja, "[...] um grupo que **compartilha** as mesmas normas a respeito da língua". Para o autor, os membros de uma comunidade de fala compartilham padrões de variação linguística e têm consciência de como certas formas são usadas em diferentes contextos sociais. Em seus estudos, como The Social Stratification of English in New York City (1966), ele mostrou que diferentes classes sociais dentro de uma mesma comunidade compartilham um repertório linguístico comum, mas o utilizam de maneiras distintas conforme fatores como prestígio e contexto comunicativo.

Esses usos e avaliações sociais em torno da linguagem ganham espaço cada vez maior nos estudos de natureza sociolinguística. Devido à peculiaridade das diferentes comunidades estudadas, muitas percepções podem ser acrescidas para a compreensão da variação, envolvendo além do linguístico o indivíduo e sua construção de identidade.

A REGIÃO ARAGUAIA PARAENSE

O Sudeste Paraense é formado por 39 municípios, recobrindo uma área total de 304.095,37 km², sendo que uma parte mais ao sul dessa mesorregião é conhecida como Araguaia Paraense, composta por 15 muni-

Figura 1 – Região Araguaia Paraense e mesorregião Sudeste Paraense no estado do Pará, Brasil



Número	Município
1	Água Azul do Norte
2	Bannach
3	**Conceição do Araguaia***
4	Cumaru do Norte
5	Floresta do Araguaia

Número	Município
6	Ourilândia do Norte
7	Pau D'Arco
8	**Redenção***
9	Rio Maria
10	**Santa Maria das Barreiras***

Número	Município
11	**Santana do Araguaia***
12	São Félix do Xingu
13	Sapucaia
14	Tucumã
15	**Xinguara***

Fonte: Elaboração no QGIS. — **Nota:** * Municípios-alvo da pesquisa de campo.

cípios: Água Azul do Norte, Bannach, Conceição do Araguaia, Cumaru do Norte, Floresta do Araguaia, Ourilândia do Norte, Pau D'Arco, Redenção, Rio Maria, Santa Maria das Barreiras, Santana do Araguaia, São Félix do Xingu, Sapucaia, Tucumã e Xinguara. Ela está representada na Figura 1. Os principais rios que banham a região são o rio Araguaia[1] (daí a origem da nomeação para a região), na divisa com o estado do Tocantins, e o rio Xingu, mais a oeste.

Como explicam Barroso e Pena-Ferreira (2020), "o Pará é constituído de microrregiões, e essas microrregiões são construídas por cidades que tiveram formação cultural e histórica diferentes, foram colonizadas em tempo diferentes, por povos diferentes e com objetivos diferentes". Nesse sentido é que se entende a diversidade histórica, cultural, econômica, e também linguística, da região em questão.

A ocupação do sul do Pará ocorreu por diferentes frentes pioneiras, marcadas pela disputa territorial com grupos indígenas, como os Kayapó. No final do século XIX, sertanejos baianos migraram para a região buscando expandir o comércio pastoril, estabelecendo-se ao longo dos rios Pau D'Arco e Itacaiunas. O apoio de comunidades indígenas facilitou a expansão, mas também resultou na conversão de suas terras em pastagens e na centralização de missões catequéticas (Moreira Neto, 1960; Vaz, 2013).

As expedições religiosas dominicanas e a instalação de um povoado para a catequização de indígenas à margem esquerda do rio Araguaia marcam a história da região. O responsável mais famoso por essa expedição foi frei Gil Villanova, considerado o fundador de Conceição do Araguaia.

O ciclo da borracha, no final do século XIX, impulsionou a economia e fortaleceu Conceição do Araguaia como centro comercial, mas sua queda em 1912 levou a região ao isolamento econômico.

Mais tarde, a construção da rodovia Belém-Brasília nos anos 1950 e os incentivos fiscais da década com as políticas "desenvolvimentistas" de 1960 provocaram uma transformação demográfica significativa, com a chegada de migrantes e investidores de diversas regiões do Brasil. A especulação fundiária aumentou, obrigando muitos sertanejos locais a se adequarem à nova realidade, enquanto a ocupação da Amazônia foi incentivada pelo governo militar com programas como o Programa de Integração Nacional (PIN) e o Programa de Redistribuição de Terras (PROTERRA) (Moreira Neto, 1960). Esses projetos atraíram pequenos agricultores, posseiros e trabalhadores rurais, mas falharam em garantir uma distribuição equitativa de terras, favorecendo grandes empresas agropecuárias e mineradoras e intensificando os conflitos fundiários (Bentes; Amin, 2005).

A migração e os projetos de infraestrutura moldaram a diversidade econômica, cultural e linguística do Araguaia Paraense, resultando na formação de novos municípios a partir de Conceição do Araguaia, como Redenção e Xinguara em 1982. Com isso, algumas características de caráter econômico e social assemelham-se entre os municípios da região, as quais são marcadas pelo forte mercado agropecuário, que movimenta grande parte da economia local e estadual. As feiras agropecuárias fazem parte do mo-

1 "O Araguaia nasce perto do Parque Nacional das Emas, no município de Mineiros (GO), e deságua no Rio Tocantins, formando uma grande rede hidrográfica que une a Região Centro-Oeste ao norte do Brasil. Esse rio faz a divisa natural primeiro entre os Estados de Mato Grosso e Goiás, depois entre Mato Grosso e Tocantins e finalmente entre Pará e Tocantins. Possui uma extensão de mais de 2.000 km" (Rio Araguaia, 2013, *online*).

vimento cultural, atraindo, além de investidores e agropecuaristas, grande parte da população para acompanhar as cavalgadas, os rodeios e as grandes apresentações, com cantores locais e nacionais, como representado na Figura 2.

Figura 2 – Representação da cultura agropecuarista na região Araguaia Paraense

Fonte: A) Neves (2019); B) FAX (2023).
Nota: A) Cavalgada ruralista em Redenção-PA;
B) Evento no Parque de Exposições Agropecuárias de Xinguara-PA.

A vivência em torno de uma cultura agropecuarista ligada ao conflito pela posse da terra e marcada pelo encontro de diferentes grupos populacionais define a maior parte do Araguaia Paraense, em que observamos a presença de "uma sociedade na Amazônia que não se sente amazônida, uma sociedade constituída na expansão da fronteira, cujos meios de produção e trabalho decorrem da transformação da natureza em espaço da agropecuária, ou seja, de sua destituição estética e simbólica" (Silva, 2022, p. 107). Portanto, um espaço cuja identidade molda-se na alteridade de um outro diferente e distante tanto na história, quanto na cultura, e, por fim, também no linguístico.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste artigo, trazemos um recorte qualitativo precioso de um estudo (Bazzo, 2024) desenvolvido em cinco municípios da região Araguaia Paraense (Conceição do Araguaia, Redenção, Santa Maria das Barreiras, Santana do Araguaia e Xinguara), com 79 participantes estratificados em gênero/sexo (feminino ou masculino), zona de residência (urbana ou rural) e idade entre 19 a 60 anos de idade. São pessoas que, preferencialmente, deveriam ter nascido na região, caso contrário, deveriam ter chegado bem pequenos, até 5 anos de idade. Deveriam também residir na região e, caso tenham se afastado, o período total de residência não poderia extrapolar 1/3 de sua idade atual.

As entrevistas gravadas seguiram um roteiro estruturado, abordando assuntos relacionados à vida e convivência pessoal do participante como a infância, família, ocupação, relações do participante com a localidade; e avaliação linguística sobre a fala da região e do Brasil. Ao final, o roteiro apresentou proposta de leitura de um texto com fortes marcas de oralidade (depoimento), uma notícia de jornal e lista de palavras, a fim de controlar a variável estilo. Elas foram realizadas em lugar escolhido e determinado por cada participante, em geral, na casa deles ou no local de trabalho. Antes de iniciar a gravação, os participantes foram

informados sobre a proposta da pesquisa, com apresentação, leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)[2].

Os dados quantitativos foram transcritos de oitiva no programa ELAN (2023); e a análise foi realizada na plataforma do Programa R (R *Core Team*, 2018), a partir de comandos em forma de *scripts*. Com isso, desenvolvemos uma análise multivariada de regressão logística, modelo linear de efeitos mistos.

O resultado da análise quantitativa indicou que a variante alveolar [s, ʒ] é a variante padrão para a realização do /S/ em coda medial – 68,5% de realização alveolar para 31,5% de realização alveopalatal (N=9.793) na comunidade observada. Nossos resultados conversam com a realidade observada em outras comunidades de fala brasileiras, como em João Pessoa-PB (Henrique; Amorim; Hora, 2022) e nos municípios de Manicoré e Borba, no sul do Amazonas (Maia; Aguilera, 2022), em que se observou uma delimitação contextual e linguística da realização da variante alveopalatal do /S/ em coda medial: contexto seguinte de /t/. Ao mesmo tempo, esses dados diferem do que seria a realidade do norte paraense, em que a realização alveopalatal [ʃ, ʒ] é o padrão seja em coda interna seja em coda externa. Com isso, na comunidade do Araguaia Paraense, é comum e aceita a produção de costa ['kɔʃtɐ], pastor [paʃto], todavia a realização de hóspede ['ɔʃpedʒɪ], mosca ['moʃkɐ], cisne ['siʒnɪ], capaz [ka'paɪʃ] e talvez [taʊ'veiʃ] soa estranha e pouco provável na fala local.

A partir disso, nosso enfoque qualitativo busca compreender a realidade desse resultado, tendo por base as ideologias linguísticas, os processos de estigmatização e prestígio das variantes e a construção da identidade social por meio da linguagem numa região específica da Amazônia paraense.

ANÁLISE QUALITATIVA E DISCUSSÃO

Para esse ponto de análise e discussão, utilizamos as respostas dos participantes a algumas perguntas realizadas durante a fase de entrevista. Os resultados envolveram questões de pertencimento à região e avaliação linguística, que imbricaram na percepção da identidade paraense em torno de diferenças sentidas e vividas a partir do lugar de sujeitos do Araguaia Paraense.

Começamos pela pergunta "Você falou que já foi para (X, Y, Z). Quando você foi pra esses lugares, as pessoas percebiam que você era do Pará? (Se sim, como elas percebiam?)". Dentre os 79 participantes, 44 responderam que NÃO, 20 responderam que SIM, duas informaram que às vezes sim, e às vezes não e 13 não souberam responder ou a pergunta não foi realizada.

Entre as justificativas para ser percebido como paraense estão o sotaque e o jeito de agir (postura, gestos). Alguns participantes, apesar de responderem positivamente à pergunta, não concordaram com a identificação, visto que, em sua percepção, sua fala não era marcada pelo "chiado" característico do sotaque paraense; ou considerava sua fala como "normal", "sem sotaque"; ou ainda porque a sua fala é baseada numa "mistura de sotaques", como podemos observar nas seguintes falas:

1. REUF3A Percebia por causa [...] a gente nem tem aqui no sul do Pará esse sotaque, mas quando você chega lá [Goiás], dependendo do que você fala eles reconhecem. Aí eles perguntam né? Tipo, o chiado alguma coisa e **eu pra mim eu**

2 O TCLE foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) conforme Parecer nº 5.297.017, de 17.03.2022.

não chio. Pra mim, nós fala todo mundo normal. Fora que o linguajar nosso é misturado né? Muito mineiro, Goiás [...] mas eles falam assim: "– Ah mas você é do norte? Você é lá do Pará?" "– Sou". Aí uma vez, quando eu fui na Canção Nova, quando eu fui lá em São Paulo também, aí ele falou assim: "– Vocês são do norte?" perguntando né? "– Nós somos", "– Ah não, porque é o jeito de conversar e tal". Eu falei: "– **Gente, será que esse povo acha que a gente chia?**".

2. XIUF2A Bastante. E olha que eu nem tenho o sotaque tão paraense, **não chio** nem nada, mas todo mundo percebia. "– Você é paraense né? Tu chiando". Eu não chio, mas eles diziam que tinha um sotaquezinho. Pra mim, **eu não falo igual o pessoal de Belém mesmo que fala chiando, puxando o S**.
3. SMUM1B Identificava [...] apesar de que aqui não tem o sotaque forte como o do norte [do Pará], mas também [tem] um pouquinho do sotaque aqui do sul [do Pará] [...].
4. XIUM2A Sim, pelo jeito de falar né. **A gente pensa que não chia, mas chia né?** A gente não fala toda coisa chiando, mas uma 'seXta-feira' né, um 'FauXtão' a gente fala.

Como observado nas falas 1 e 2, as duas mulheres confirmaram que eram reconhecidas como sendo paraenses quando estavam em outros lugares (outros municípios ou estados visitados), todavia, em suas narrativas, ocorre um estranhamento ao fato, pois elas não reconhecem que sua fala é marcada pelo "chiado". Como elas explicam, o "chiado" é uma marca da fala do paraense mais ao norte (Belém e região metropolitana) e não condiz com a realidade da fala do sul, ou seja, do Araguaia Paraense. Reforçar-se aqui a caracterização da variante alveopalatal [ʃ, ʒ] como um estereótipo sociolinguístico (Labov, 2008), relacionada ao contexto linguístico de falantes mais ao norte do estado, especialmente, de Belém.

Por outro lado, as duas falas masculinas concordaram com a identificação, reconhecendo que há pequenas diferenças ou variação linguística, em que o "chiado" (traço linguístico do falar paraense) é perceptível. Chama atenção a percepção do participante XIUM2A[3] (fala 4), que faz uma bela síntese em direção aos resultados quantitativos: "A gente não fala toda coisa chiando, mas uma 'seXta-feira' né? um 'FauXtão' a gente fala", ou seja, em contexto específicos, como é o caso da ocorrência do /S/ antes de /t/, o sujeito do Araguaia paraense também "chia". Essa percepção linguística, contudo, não faz parte da maioria dos participantes, realidade também observada entre sujeitos de João Pessoa-PB, conforme apontado por Hora e Henrique (2015), em que os pessoenses, apesar de reconhecerem a variante alveopalatal em outras comunidades, não reconhecem que também "chiam" em determinados contextos.

Com relação às respostas negativas, os participantes justificaram suas respostas afirmando que eles não tinham um sotaque, ou não chiavam como o pessoal do norte do estado. Outros eram confundidos como sendo de outros estados, como Maranhão e Goiás. Além disso, alguns justificaram destacando que os "paraenses legítimos" ficavam no norte, em Belém ou proximidades, cuja fala é marcada pelo "chiado", como verificado nas seguintes falas:

3 A sigla é composta da seguinte sequência de códigos: Município + Região + Sexo/Gênero + Faixa etária + Escolaridade, em que: CA: Conceição do Araguaia; RE: Redenção; SM: Santa Maria das Barreiras; SA: Santana do Araguaia; XI: Xinguara; U: Urbana; R: Rural; F: Feminino; M: Masculino; 1: 18 a 27 anos ou 18 a 30 anos; 2: 28 a 37 anos ou 38 anos ou mais; 3: 38 anos ou mais; A: Até o Ensino Médio; B: Ensino Superior.

1. SAUF2B Não, até que não. Eu acredito porque a nossa região ela tem mais influência do Tocantins do que do Pará né? [...] Então aqui, **as pessoas mesmo que nasceram aqui no sul do Pará, elas não são muito identificadas como paraense**. Tem outras culturas [...] eu aprendi comer açaí tem pouco tempo.
2. SMUF3B Não, porque, assim, o sotaque, eu não tenho tanto sotaque **como os paraenses da gema** que a gente fala né? Porque aqui, o povo já se misturou muito o goiano, o tocantinense, mineiro e paraense. Porque pra cá, os paraenses, eles não têm o sotaque do Pará mesmo. Então é difícil você identificar a pessoa quando não tem sotaque né.
3. XIUM1B Não, do Pará não por causa do meu sotaque. Eu não tenho sotaque paraense né? Meu sotaque é mistura, que o sotaque paraense ele é chiado né? Aí, então as pessoas não sabe identificar de onde você é por causa do sotaque.
4. CAUM2A Não, eu acho que não. Eu acho que porque a gente, como a gente é criado aqui no sul [do Pará] a gente não tem o sotaque paraense né? Que é o chiar. Então, aí a gente não traz muito essa característica paraense mesmo né?

Para os participantes, a região Araguaia Paraense se diferencia linguisticamente da comunidade mais ao norte do estado, especificamente, porque "eles não chiam". Essa perspectiva também foi abordada nas respostas da seguinte pergunta "E como é que as pessoas falam na região, ou aqui mesmo no município? Você acha que existe uma característica que marca o município na fala?". Em sua grande maioria, os participantes responderam que não identificam nenhum traço linguístico capaz de caracterizar a fala da região. As justificativas se aproximam das apresentadas à pergunta anterior: eles não têm sotaque; devido à mistura de muitas pessoas; apresentam uma fala normal.

Ademais, quando os participantes reconheciam alguma característica linguística da região, diziam que suas falas se aproximavam mais do pessoal ou do Tocantins, ou do Goiás, ou de Minas Gerais, ou do Maranhão, ou de Mato Grosso, ou seja, nunca igual à fala do "paraense do norte", aquele que está mais próximo da capital e região norte do estado: "em Belém as pessoas chiam, usam gírias", como destacou a participante SAUF1B, e os seguintes participantes:

1. REUM1B Bom, eu acredito que não temos uma identidade própria ainda até pela idade do município, né? Trinta e nove anos é novo, né? E também por causa da mistura, como eu te falei, você vai misturar gaúcho, mineiro, goiano, né? Então, tem uma mistura aí fica difícil [de] criar um dialeto, mas a gente é bem diferente do resto do Pará.
2. SAUM3B Não, eu acho assim aqui muito sem cultura, sabe? Assim, aquele negócio largado? É que aqui é a influência de tantas culturas que não tem uma identidade própria do paraense em si, é porque o paraense tem aquela identidade do chiado, da comida dos peixes, aquela coisa toda, né? E já aqui não, aqui já é uma, como se diz, é uma cultura que se misturou e foi ficando até sem identidade.
3. REUF1B Não consigo identificar uma característica assim. A gente, na verdade, não tem nem sotaque, né?
4. CAUF3B Não, eu acho que o pessoal fala mais igual tocantinense mesmo, sem muito R, sem X. Sem enrolar a língua [...] mais igual o pessoal do Tocantins.
5. XIRF2 Na verdade, está muito misturado né? Então, como eu moro aqui eu não sei identificar. Talvez se alguém viesse, né? podia falar: "– Tem ali em Xinguara é assim" né? [...] como eu moro aqui eu não sei identificar.

Como verificamos nas falas 9 a 13, a influência de muitas culturas tradicionais e

estereotipadas de outros lugares do Brasil (como a goiana, a mineira, a nordestina), que acabaram por se aproximar e conviver em um mesmo lugar, caracteriza o aspecto da "mistura" apontado pelos participantes, levando-os a inferir que não há um sotaque comum.

Por outro lado, o estereótipo linguístico do paraense – "o chiado" – não é reconhecido como uma identidade linguística desses participantes. Em certo momento, notamos o distanciamento com o que seria o "verdadeiro paraense" ou "paraense da gema" (destacado na fala da participante SMUF3B), em contraste com "o paraense falso" ou "paraense que fala errado"[4] da região Araguaia Paraense, como nomeou a participante SARF1 em sua narrativa.

Referências semelhantes também foram destacadas entre os participantes da pesquisa de Bazzo (2020), realizada somente entre sujeitos do município de Redenção-PA. Aqui, contudo, a referência veio de uma participante de Santa Maria das Barreiras e outra de Santana do Araguaia, respectivamente. Isso acaba reforçando uma percepção compartilhada sobre a variante alveopalatal [ʃ], a qual se torna "[...] uma marca linguística da diferença", em que se destacam "dois tipos de paraense: os que 'chiam' e os que 'não chiam', sendo que os primeiros são considerados os típicos paraenses: os *verdadeiros*, *os da gema*, *o paraensezão"* (Bazzo, 2020, p. 101), e os segundos são os "paraenses falsos". Nossos dados, contudo, vêm refutar tal percepção, visto que, apesar de uma ocorrência não padrão, o "chiado" também está presente na região Araguaia Paraense, de uma forma que se relaciona ao contexto histórico e a fatores sociolinguísticos abordados quantitativamente.

4 Em referência à ideia de que os paraenses realizam a conjugação verbal na segunda pessoa do singular, como "tu fostes", "tu falastes".

Notamos que essa avaliação sociolinguística está carregada das construções sociais e culturais em torno de uma região marcada pela "mistura de pessoas", advindas de diversos lugares do Brasil, resultado dos processos históricos e ciclos econômicos que se instalaram nesse espaço. A mistura acaba justificando a não presença de um sotaque ou de uma marca sociolinguística do lugar, e, inclusive de uma identidade, ao mesmo tempo em que distancia a região do "jeito de falar dos belenenses". Com base em Bazzo (2020), entendemos que a divisão no campo linguístico revela um distanciamento com o sotaque da capital relacionado com a sensação de esquecimento pelo governo estadual, sentido pelos moradores da região Araguaia Paraense. Em alguns pontos das entrevistas, os participantes demonstraram sua insatisfação com o governo que não dá a devida atenção à região, como nas seguintes falas:

1. SAUF2B A região norte, ela é muito mais assistida pelos governadores, muito mais assistida pelos governantes que aqui. Nós estamos aqui na ponta, nós somos os últimos né? **Nós somos esquecidos**. Esquecidos mesmo. A prova disso é essa estrada de Redenção que nunca foi boa. A gente sofre muito pra chegar até lá.
2. REUM3B Ah, desenvolvimento, pra lá [norte do estado] desenvolveu bastante né? que é mais próximo da capital. Então, assim, a gente se desenvolveu praticamente só, sem ajuda financeira de políticos. Mais foi por força maior dos empresários e das pessoas que vieram pra cá né? Já o norte [do Pará] não, o norte, tudo o que eles têm e o que eles vivem é sobre a política né? [...] Puxam pra lá os deputados federais, **a gente fica só com as migalhas**. Então, é por isso que eles têm uma estrutura bem melhor do que a nossa né?

Nesse sentido, a relação língua e sociedade é espaço de disputa e poder, legitiman-

do a relação de insatisfação popular com a governabilidade estadual. Entre alguns tópicos da entrevista, alguns participantes relembraram a tentativa de divisão do estado do Pará, ocorrida dia 11.12.2011, via plebiscito[5], bem como a derrota da região no pleito. Para esses, a divisão seria o melhor recurso, pois o estado seria mais bem gerido e a pretensa capital (Marabá) ficaria mais próxima.

1. SAUM3B Eu costumo dizer que quando foi pedida a divisão do Pará, a divisão, ela tinha que ser não pelos padrões geopolíticos que eles abordaram, né? mas pela questão mesmo cultural. **Nós não somos paraenses.** Estamos aqui no Pará, no extremo sul do Pará, mas a cultura, ela é uma influência goiana, mineira, paulista e maranhense [...] Então, aqui é um local de miscigenação, de misturas né?
2. REUF3B Eu acho que, assim, o estado é muito grande e fica difícil até pra quem tem boa vontade cuidar de todo o estado. E é por isso mesmo que a gente está dividido em estados, porque pra você ter essa oportunidade de olhar [pra] num espaço pequeno, [...] isso com relação ao governo estadual.

A fala 16, do participante SAUM3B, é forte em afirmar "Nós não somos paraenses", quando direcionada a toda a região Araguaia Paraense. Uma afirmação que, ousamos dizer, representa grande parte dos residentes dessa região, especialmente pelo viés político que inflamou os discursos construídos em torno da divisão do estado para o avanço e desenvolvido do que seria o futuro estado de Carajás, como ratificado por Morbach (2012, p. 7):

> O ideário mobilizador das regiões sul e sudeste do Pará, em função da criação do Estado de Carajás, foi pautado na máxima que a larga extensão do território paraense compromete a governabilidade, deixa desassistidas as regiões distantes e prejudica o desenvolvimento dessas regiões.

Esse sentimento acompanha parte da população até hoje, cuja identificação possui origem nas elites políticas da região, a maioria migrantes que se diferenciam da população tradicional, localizadas mais ao norte do estado (Morbach, 2012). Isso é compreensível quando retomamos o contexto histórico de integração desse espaço amazônico ao restante do Brasil, ocorrido principalmente a partir de 1960.

Continuando a análise das respostas, sobre a pergunta "E como é que as pessoas falam na região, ou aqui mesmo no município? Você acha que existe uma característica que marca o município na fala?", poucos foram os participantes que, para além de destacarem o aspecto do "chiado paraense", conseguiram realizar algum comentário metalinguístico apontando algo comum e característico da região, como a alternância dos usos dos pronomes "você" e "tu"; e o uso de algumas expressões e interjeições, por exemplo, "nam", "siá", "uai", "oxi". Além disso, o participante XIUM2A apontou um item lexical como algo muito local e restrito ao município de Xinguara que seria o termo "bié" usado como sinônimo de criança, menino, indicando a necessidade de pesquisas no campo lexical nesta região.

Outros participantes destacaram que a forma de falar da região pode ser avalia-

5 De acordo com Pará (2011), o resultado do plebiscito, cuja pergunta era "Você é a favor da divisão do Estado do Pará para a criação do Estado do Carajás?", obteve 2.363.561 de votos para o NÃO, representando 66,6% dos votos válidos, e 1.185.546 de votos para o SIM, com 33,4% de representação. Como explicam Kzam *et al*. (2018, p. 11), "houve uma distribuição desigual dos resultados, uma vez que nas regiões pretendidas para a criação dos novos estados, o 'Sim' obteve uma vitória significativa, enquanto que nos municípios que continuariam fazendo parte do Pará, o 'Não' obteve vitória".

da como "desbocados", "caipiras", "sotaque mais seco, direto ao ponto", "um jeito de falar errado". Esses adjetivos empregados avaliam negativamente a realidade linguística da localidade, expressando certa inferioridade no aspecto linguístico quando avaliados dentro do contexto regional e estadual: a região norte do Pará é detentora de um padrão linguístico distante do que é vivido e realizado no sul paraense. Todavia, esse "padrão" é tomado como realização típica de todo paraense, ou seja, um estereótipo linguístico, que não considera a diversidade sociolinguística existente no estado. Além disso, os aspectos da mistura e da falta de uma identidade linguística podem justificar essa inferioridade no campo da produção linguística destacada entre alguns participantes.

Adiante, a pergunta "Qual o sotaque do Brasil que você mais gosta?" permanece no campo da avaliação linguística, em que as respostas foram expostas na nuvem de palavras da Figura 3.

Figura 3 – Nuvem de palavras sobre o sotaque que mais gosta

Fonte: Dados da pesquisa de campo junho, julho e novembro/2022, com elaboração no WordArt (2024)[6].

Como podemos observar na Figura 3, o "nordestino" foi o sotaque mais mencionado pelos participantes, seguido do goiano, do gaúcho e do sotaque de Belém. O sotaque nordestino foi mencionado 16 vezes, sem especificar nenhum estado, porém, essa conta pode ser maior se considerarmos que alguns participantes citaram o modo de falar de algum estado específico, como Paraíba, Pernambuco e Bahia. Com relação a esses sotaques as avaliações foram: "engraçado", "interessante", "bem legal", "bonito", "bacana", "mais carinhoso". Notamos ainda que, além de avaliar o sotaque, alguns participantes o relacionaram com o modo de agir dos nordestinos, percebidos como "pessoas carinhosas", "acolhedoras" e "carismáticas". Sobre o sotaque goiano, esse foi mencionado 12 vezes, e as avaliações foram: "engraçado", "legal", "bonito", "bonito por puxar o R", "um jeito mais meigo de conversar". O sotaque gaúcho foi mencionado sete vezes, sendo avaliado como "tem o som mais forte das palavras", "interessante", "bonito" e "lindo". Ambos receberam, portanto, uma avaliação positiva.

6 Gerador de nuvens de palavras online que permite criar nuvens de palavras incríveis e exclusivas com facilidade. Disponível em: https://wordart.com/. Acesso em: 09 jun. 2024.

No contexto geral, observamos uma relação dessas respostas com o aspecto migratório da região, em que muitos migrantes de estados nordestinos e sulistas, bem como de Goiás, fazem parte da história de muitas famílias tradicionais no Araguaia Paraense.

Com relação ao sotaque de Belém foi mencionado seis vezes, mas também houve menção ao "paraense do norte", sem especificar a capital, destacado cinco vezes, em que podemos considerar como 11 menções ao estilo da fala da região Norte paraense, cujas avaliações giraram em torno de "engraçado", "interessante", "bonito", "fofo", "massa" e "bonito o chiado". Destacamos que o estereótipo linguístico paraense (o chiado) é um dos aspectos mais bem avaliados por alguns desses participantes.

Ainda, dentre os 79 participantes, somente cinco destacaram que o sotaque preferido é o próprio da região Araguaia Paraense, mesmo sem saber definir um sotaque ou reconhecendo-se "sem sotaque". Fora esse destaque, a única avaliação realizada foi a do participante SMM3A, em que sintetizamos como "nem chia demais, nem arrastada demais, é equilibrado":

1. SMM3A Você vai pra Bahia: "Oh xente mainha"; você vai pra Belém: "Porra mano". Então assim, eu acho que o nosso sotaque, ele é um sotaque bacana, porque você nem chia demais, você nem arrasta demais, você tem assim uma coisa bem equilibrada. Então, [...] se for pra escolher eu escolho o meu aqui.

A pergunta "E tem algum sotaque que te irrita?" segue a mesma proposta de avaliação linguística, porém no sentido oposto. Dentre os participantes, 41 deles ou informaram que não havia nenhum sotaque que avaliavam como irritante, ou não souberam responder, ou a pergunta não foi realizada, ou a avaliação realizada não foi sobre um sotaque específico, mas a respeito de "forçar um sotaque" e/ou "falar em gírias". A partir das respostas dos demais participantes, organizamos a seguinte nuvem de palavras da Figura 4.

Figura 4 – Nuvem de palavras sobre o sotaque mais irritant

Fonte: Dados da pesquisa de campo junho, julho e novembro/2022, com elaboração no WordArt (2024).

Conforme a Figura 4, verificamos que o sotaque destacado como mais irritante é o de Belém, que recebeu 15 avaliações negativas, ao qual podemos unir com os 13 que se referiram ao "paraense do norte", totalizando 28 avaliações sobre esse sotaque, em que

a maior parte (17 avaliações) foi realizada por participantes do sexo/gênero feminino. Nesse caso, as justificativas empregadas foram: "muito estralado, difícil de conviver", "aquela chiadeira", "pouco chatinho", "chia demais", "estranho", "engraçado", "enjoado", "enfarento", "ligeiro demais", "jeito arrastado", "dificuldade de entender", "xinga muito". Notamos que as avaliações implicam, mais especificamente, sobre a característica do "chiado". Os participantes foram bem pontuais em destacar que não suportam esse traço linguístico na fala paraense. Assim, com relação ao sotaque paraense, o "chiado" é uma característica que recebe, ao mesmo tempo, uma avaliação positiva e uma avaliação negativa, em que esta sobressai com o maior número de avaliações entre os participantes.

Por outro lado, poucos participantes não avaliaram esse sotaque pelo "chiado", mas muito mais pelo uso de gírias e pela variação lexical existente que dificulta a comunicação entre eles (paraense do norte e paraense do sul), como destacado pelo participante CAUM1B:

1. CAUM1B Só o de Belém, que quando eles chegam vai falar contigo tu quase não entende e quando tu não entende eles já ficam zangado contigo. Tipo, teve um caso lá na loja que uma mulher estava perguntando onde é que comprava, que ela queria comprar uns dois pirarucu. Que pirarucu pra gente aqui [...] quase perto do Tocantins, pirarucu pra gente é um peixe, mas, pro pessoal de Belém, o pirarucu é aqueles pastel de vento grandão. Aí, eu falei pra moça: "– Se você [...] vier pedir aqui um pirarucu aqui, pessoal vão te dar um peixe, é daquele peixão grandão". [...] Benjamim também, eles procuram muito benjamim, aquele T. O T que a gente conhece eles não chama o T. Deixa ver, basquete também, aquela cestinha de colocar compra, chega: "– Não, pega um basquete pra mim". Aí, eu fico: "– Rapaz, basquete?". Eu falo: "– Não, pode traduzir, não? Que eu não entendo esse trem aí não". "– Não, é aquele negócio de botar compra".

Percebemos, portanto, que as diferenças regionais não estão apenas no campo fonético-fonológico, mas, como é comum na língua, há variação lexical, que acaba sendo avaliada como um empecilho a mais para as boas relações de convivência dentro do estado do Pará, destacando as disputas de poder existentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresenta novas análises sociolinguísticas sobre o Araguaia Paraense, uma região do estado do Pará ainda pouco explorada nesse tipo de estudo. Focamos na realização do arquifonema /S/ em coda medial, investigando qualitativamente a produção dessa variável em contraste com o estereótipo sociolinguístico do "chiado", característico do sotaque paraense.

Nosso objetivo foi demonstrar que as escolhas linguísticas estão intrinsecamente ligadas a fatores históricos, sociais e culturais que permeiam as interações entre os falantes. O "chiado" paraense, associado à realização da variante alveopalatal [ʃ, ʒ] em coda interna e externa – como em pista ['piʃtɐ] e dois ['doɪʃ] – é um traço marcante do sotaque da capital e do norte do estado. No entanto, ao considerarmos a extensão territorial e a diversidade histórica do Pará, observamos que o uso e a produção linguística variam significativamente, evidenciando a complexidade sociolinguística da região.

Estudos anteriores já indicaram essa diversidade, e nosso trabalho busca contribuir para sua fundamentação e fortalecimento. A partir da análise quantitativa dos dados, verificamos que, ao contrário do estereótipo

associado ao Pará, a variante alveolar [s, z] é predominante na comunidade estudada. Com base nesses resultados, aprofundamos a investigação sob uma perspectiva qualitativa, explorando as avaliações linguísticas e a construção identitária dos falantes do Araguaia Paraense.

A análise das falas dos participantes revelou uma percepção negativa em relação ao modo de falar típico do "paraense do norte", especialmente o "chiado", característico da capital. Embora algumas avaliações positivas tenham sido registradas, muitos comentários metalinguísticos descreveram esse sotaque como irritante. Essa percepção sugere a existência de um preconceito linguístico na região, o qual se estende às relações interpessoais e políticas. Alguns participantes, por exemplo, manifestaram insatisfação com a gestão estadual e nostalgia em relação à proposta de divisão do estado do Pará.

Por outro lado, os sotaques nordestino, goiano e sulista foram bem avaliados, sendo apontados como os mais apreciados pelos entrevistados. Essa preferência reflete a composição histórica dos municípios do Araguaia Paraense, cuja população é marcada pela heterogeneidade social, resultado da migração de pessoas vindas de diferentes regiões do Brasil, especialmente do Nordeste e do Centro-Sul.

Além disso, nossa análise indica que, nessa área de fronteira amazônica, onde a cultura agropecuarista exerce forte influência sobre gostos, estilos e identidades, os conflitos vão além da disputa pela posse da terra, atingindo também as relações sociolinguísticas. A identidade linguística da região, portanto, parece estar mais próxima das variedades faladas no sul do país do que das variantes predominantes no norte do Pará. Esse cenário reforça a ideia de que a construção identitária na fronteira amazônica ainda é um espaço de disputa, sendo refletida nas escolhas linguísticas de seus falantes.

Dessa forma, ao confrontarmos nossos achados com a proposta de Barroso e Pena-Ferreira (2020), reafirmamos a existência de múltiplos falares paraenses. A diversidade linguística acompanha a heterogeneidade histórica, cultural, econômica e social das diferentes regiões que compõem o estado do Pará, demonstrando que sua realidade sociolinguística é muito mais complexa do que o estereótipo do sotaque paraense sugere.

REFERÊNCIAS

ALKMIN, T. Sociolinguística: parte 1. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-48.

BARROSO, A.; PENA-FERREIRA, E. Diversidade cultural e linguística na Amazônia paraense. **Miguilim**, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 1040-1053, dez. 2020. Disponível em: https://doi.org/10.47295/mgren.v9i3.2574. Acesso em: 04 jun. 2023.

BASSI, A. **A palatalização da fricativa em coda silábica no falar florianopolitano e carioca**: uma abordagem fonológica e geolinguística. 2011. 192 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/95921. Acesso em: 05 jun. 2023.

BAZZO, M. G. **O chiado no Araguaia Paraense**: aspectos sociolinguísticos. 2024. 186 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2024. Disponível em: https://cms.ufmt.br/files/galleries/250/Disserta%C3%A7%C3%B5es%20e%20Teses/2024/manoella.pdf. Acesso em: 27 jan. 2025.

BAZZO, M. G. **Estudo sociolinguístico do /r/ retroflexo**: uma pegada decolonial sobre a realização da variante entre sujeitos do município de Redenção – Pará. 2020. 398 f. Dissertação

(Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020. Disponível em: https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/4c187c8a-0e2c-4495-84aa-c397868d-c18e. Acesso em: 27 jan. 2024.

BAZZO, M. G. **Um olhar sociolinguístico sobre a linguagem em Redenção (PA)**: aspectos fonético-fonológicos. 2012. 149 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Língua Portuguesa) – Universidade do Estado do Pará, Redenção (PA), 2012.

BRASIL. **Lei nº 12.824 de 05 de junho de 2013**. Dispõe sobre a criação da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - Unifesspa, por desmembramento da Universidade Federal do Pará - UFPA, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Seção1, Brasília, DF, ano 107, n. 107. p. 5, 06 jun. 2013. Disponível em: https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=5&data=06/06/2013. Acesso em: 27 maio 2024.

BRESCANCINI, C. R. A palatalização em coda em Florianópolis/SC: variáveis sociais. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 75-97, jul. 2015. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2015v16n1p75. Acesso em: 05 jun. 2023.

CALLOU, D. Um perfil da fala carioca. *In*: RIBEIRO, S. S. C.; COSTA, S. B. B.; CARDOSO, S. A. M. (orgs.). **Dos sons às palavras**: nas trilhas da língua portuguesa. [S.L.]: Scielo-Edufba, 2009. p. 129-152. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/10.7476/9788523211851.10. Acesso em: 24 fev. 2024.

CASTRO, E. R. C. Amazônia na encruzilhada: saque colonial e lutas de resistência. *In*: CASTRO, E. (org.). **Territórios em transformação na Amazônia**: saberes, rupturas e resistência. Belém: NAEA, 2017. p. 19-48. Disponível em: https://naea.website/editora-naea/Livros/isbn/978-85-7143-155-3.pdf. Acesso em: 12 jun. 2024.

CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. *In*: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 141-155.

ELAN (Version 6.5) [Computer software]. Nijmegen: Max Planck Institute for Psycholinguistics, The Language Archive. 2023. Disponível em: https://archive.mpi.nl/tla/elan. Acesso em: 23 jun. 2023.

FAX. **Fotos de FAX**. Xinguara, 25 jan. 2023. Facebook: FAX. Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=198798742821949&set=pb.100080754721002.-2207520000&type=3&locale=pt_BR. Acesso em: 7 jul. 2024.

FREITAG, R. M. K.; CARDOSO, P. B.; PINHEIRO, B. F. M. Saliência na conservação de /d/ no segmento /ndo/: efeitos sociais e estilísticos. **Gragoatá**, Niterói, v. 23, n. 46, p. 654-678, ago. 2018. Disponível em: https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33594/19581. Acesso em: 09 mar. 2024.

GUEDES, R. J. C. **Estudo geossociolinguístico da variação lexical na zona rural do estado do Pará**. 2012. 189 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/4731. Acesso em: 12 ago. 2023.

HENRIQUE, P. F. L.; AMORIM, A. W. D.; HORA, D. O papel do estilo no uso do /S/ pós-vocálico em uma amostra de recontato. **Cadernos de Linguística**, Campinas (SP), v. 3, n. 1, p. 01-24, 25 mar. 2022. Associação Brasileira de Linguistica. Disponível em: https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/621. Acesso em: 07 jan. 2024.

HORA, D.; HENRIQUE, P. F. L. Como as restrições sociais e estruturais compõema identidade do falante. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 50, p. 96-104, dez. 2015. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/23145/14075. Acesso em: 16 ago. 2024.

JESUS, C. S.; MOTA, J. A. O /S/ em coda silábica no Norte: delimitador de áreas dialetais. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 6., 2009, João Pessoa. **Anais [...] .** João Pessoa (PB): Abralin, 2009. v. 2, p. 3295-3298. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009_vol_2/PDF-VOL2/Microsoft%20Word%20-%2. Acesso em: 13 nov. 2022.

KZAM, Á. L.; LOPES, M. L. B.; ABUD, G. B.; CORREA, R. S. S. Fragmentação territorial: análise do plebiscito de divisão do estado do Pará. **Boletim de Geografia**, Maringá, v. 36, n. 1, p. 1-16,

15 jun. 2018. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/32430.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, [1972] 2008. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso.

MAIA, E. G.; AGUILERA, V. A. A palatalização no sul do Amazonas: uma análise a partir do atlas linguístico do sul amazonense. *In*: SILVA, G. A.; ROMANO, V. P. (org.). **Tendências da Geolinguística brasileira e a nova geração de Atlas Linguísticos**. São Carlos (SP): Pedro e João Editores, 2022. p. 123-151. Disponível em: https://pedroejoaoeditores.com.br/2022/wp-content/uploads/2022/04/EBOOK_Tendencias-da-geolinguistica-brasileira-e-a-nova-geracao-de-atlas-linguistico.pdf. Acesso em: 28 fev. 2024.

MORBACH, M. C. B. **As perspectivas políticas da criação do Estado de Carajás a partir do ponto de vista das representações parlamentares municipais.** 2012. 124 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/4986. Acesso em: 21 jun. 2024.

MOTA, J. A.; JESUS, C. S.; EVANGELISTA, G. K. S. O <S> em coda silábica em capitais brasileiras: dados do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, v. 01, n. 41, p. 189-228, nov. 2010. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/issue/view/1094. Acesso em: 30 dez. 2023.

MOREIRA NETO, C. A. **A cultura pastoril do Pau D'Arco**. Belém: Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia, 1960. (Antropologia). Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi. Disponível em: https://repositorio.museu-goeldi.br/bitstream/mgoeldi/317/1/B%20MPEG%20Ant%20n10%201960%20MOREIRA%20NETO.pdf. Acesso em: 06 jun. 2023.

NEVES, J. R. **Cavalgada ruralista de Redenção, Pará**. 2019. 1 fotografia.

PARÁ. Justiça Eleitoral. **Plebiscito**: resultado de votação por UF. 2011. Disponível em: https://www.justicaeleitoral.jus.br/++theme++justica_eleitoral/pdfjs/web/viewer.html?file=https://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/tre-pa-resultado-geral-da-votacao-carajas-plebiscito-2011/@@download/file/tre-pa-resultado-geral-da-votacao-para-criacao-carajas-plebiscitos-2011.pdf. Acesso em: 20 jun. 2024.

RAZKY, A.; GOMES, E. F.; GUEDES, R. J. C. Variação lexical na mesorregião sudeste do Pará: um olhar sobre os dados do atlas léxico sonoro do Pará - ALESPA. **Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos**, Rio de Janeiro, n. 67, p. 1396-1407, abr. 2017. Disponível em: http://www.filologia.org.br/rph/ANO23/67supl/090.pdf. Acesso em: 13 nov. 2022.

R Core Team. R: A language and environment for statistical computing. **R Foundation for Statistical Computing,** Vienna, Austria. 2023. Disponível em: https://www.R-project.org/. Acesso em: 27 jan. 2023.

RIO Araguaia (GO/ MT/ TO/ PA). **Projeto Rio das Águas**, [s. l.], 2013. Disponível em: http://brasildasaguas.com.br/projetos/sete-rios-2006-2007/araguaia/. Acesso em; 19 jul. 2024.

SILVA, D. K. Q.; SANCHES, R. D. O uso dos pronomes nós e a gente no português falado em Macapá-AP. **Mandinga**: Revista de Estudos Linguísticos, Redenção (CE), v. 7, n. 0, p. 37-52, nov. 2023. Disponível em: https://testerevistas.unilab.edu.br/index.php/mandinga/article/view/1486. Acesso em: 09 mar. 2024.

SILVA, R. G. C. A desamazonização da Amazônia: conflitos agrários, violência e agrobandidagem. **Conflitos no Campo Brasil 2021**, Centro de Documentação Dom Tomás Balduino, Goiânia: CPT Nacional, 2022. p. 104-111. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/362721991_A_desamazonizacao_da_Amazonia_conflitos_agrarios_violencia_e_agrobandidagem. Acesso em: 29 maio 2024.

SOARES, E. P. M. Pesquisas variacionistas nas regiões sul e sudeste do Pará: uma reflexão sobre a trajetória do Observatório de Linguagem do Sul e Sudeste do Pará (Olisspa). **MOARA** – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras, [S.l.], n. 54, p. 55-68, jan. 2020. Disponível em: https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/7968/5873. Acesso em: 30 dez. 2020.

VAZ, V. **A formação dos latifúndios no sul do estado do Pará**: terra, pecuária e desflorestamento. 2013. 167 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: http://repositorio.unb.br/handle/10482/14836. Acesso em: 14 abr. 2019.

Recebido em: 10/03/2025
Aprovado em: 25/06/2025

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.